

William E. Mann (ed.), *Augustine's Confessions: Philosophy in Autobiography*. Oxford University Press, Oxford 2014; US \$ 65.00 (cloth), p. xiv + 223. ISBN 978-0-19-957755-2

Moacyr Novaes

*Augustine's Confessions: Philosophy in Autobiography* é uma notável coleção de oito artigos sobre a mais célebre obra do Bispo de Hipona (elencados abaixo). Notável em primeiro lugar, por explorar as dimensões filosóficas do livro, que costuma ser reduzido a autobiografia piedosa, ou ainda a literatura de qualidade duvidosa.

Em segundo lugar, a coletânea acerta ao tratar da unidade das *Confissões*, ainda que indiretamente. Mesmo examinando temas diversos na sua singularidade, os melhores artigos da coletânea trazem à tona a questão da unidade da obra, e contribuem para a sua discussão qualificada. É o caso muito claro dos artigos de Menn (*The Desire for God and the Aporetic Method in Augustine's Confessions*), e de Tornau (*Intelligible Matter and the Genesis of Intellect: The Metamorphosis of a Plotinian Theme in Confessions 12-13*).

Este aponta, numa versão condensada de trabalho publicado em alemão, como a interpretação do *Gênesis* nos livros XII e XIII comporta um progresso de Agostinho como leitor, de modo que torna possível discernir uma estratégia em desdobramento presente desde o início do Livro I, isto é, desde as primeiras aporias construídas com textos bíblicos. O artigo, na verdade, mostra como a interpretação bíblica em curso nas *Confissões* é uma formulação original e mais sofisticada de Agostinho também com respeito às tentativas anteriores, em outras obras.

As aporias e paradoxos também serão examinados e valorizados no artigo de Menn, como método fundamental de investigação, presente não somente no Livro X, seu centro de interesse. Após fazer um balanço crítico de sua obra *Descartes and Augustine*, Menn examina a questão da possibilidade de desejar Deus à luz de Platão, mais exatamente, como reflexão sobre o paradoxo de *Mênon*. Nesse caso, também

somos levados aos paradoxos inaugurais do Livro I, e a uma consideração sobre o conjunto das *Confissões*.

A coletânea, ainda que desigual, é notável ainda por afastar-se daquele procedimento cômodo, em obras coletivas sobre as *Confissões*, de distribuir treze exatos capítulos, segundo a sucessão de seus treze livros. Esse procedimento por vezes sugere proporcionar uma visão de conjunto, quando na verdade o leitor vem a deparar com mera justaposição de leituras. Aqui, ao contrário, sem a pretensão de percorrer todos os livros da obra, os capítulos exprimem escolhas filosóficas dos autores, segundo aquilo que puderam recuperar do seu “bazar bem fornido” (Introdução, pg. 2) de questões filosóficas.

Coletânea notável ainda por não incorrer em clichês quanto à figura de Agostinho como filósofo. Ao contrário, trata explicitamente de combater o estereótipo de Agostinho “inflexível (...) defensor da ortodoxia religiosa” (Introdução, pg. 2) e propõe uma variedade de amostras da sua reflexão filosófica, sob ângulos menos explorados, por vezes surpreendentes. Para isso, os artigos trazem à luz a contribuição filosófica de Agostinho em temas muito variados, como o desejo e a vontade; a felicidade; o teatro, a imaginação e os sonhos; o tempo; a exegese múltipla das escrituras; ou o estatuto metafísico da matéria.

Desse modo, o panorama organizado por William Mann, em homenagem póstuma a Gareth Matthews, pretende descortinar uma mente aberta e sua capacidade de investigação franca, engendrando pedagogicamente paradoxos e aporias, articulado à tradição filosófica, mas considerado também segundo sua intensa fortuna, alcançando discussões contemporâneas da psicologia ou da ciência.

O diálogo com a tradição filosófica recai costumeiramente em Platão e Plotino, assim como no estoicismo e no maniqueísmo, a exemplo do artigo de Wolterstorff (*Happiness in Augustine's Confessions*), que procura mostrar como a *beata uita* agostiniana é uma completa transformação da antiga *eudamonia*. O artigo de Helm (*Thinking Eternally*), contudo, esboça um diálogo com a filosofia aristotélica, num esforço original de vincular o início do Livro VII com o Livro XI, centro da sua análise. Embora a remissão daquela passagem a Aristóteles não seja de todo convincente, é todavia bem-sucedida a articulação entre as discussões sobre o ser de Deus no livro VII e o exame do tempo e da eternidade.

Já o propósito de articular a questões ou métodos contemporâneos nem sempre é bem sucedido. O empenho de Dutton (*The Privacy of the Mind and the Fully*

*Approvable Reading of Scripture: Augustine on Genesis 1:1*) em “expressar analiticamente” (pg. 162) as teses não parece tornar mais clara ou fluente a leitura das doutrinas que encontra subjacentes ao texto. Tampouco as ênfases de King (*Augustine’s Anti-Platonic Ascents*) e Mann (*The Life of the Mind in Dramas and Dreams*) na sexualidade de Agostinho parecem trazer elementos novos ao estado da arte.

De um ponto de vista mais geral, a qualificação como “autobiografia” pode levar a equívoco. Na verdade, os artigos não tratam principalmente dos livros ditos autobiográficos (I-IX); a rigor, somente quatro dentre os oito artigos têm como centro de interesse algum dos nove primeiros livros; e mesmo esses quatro concernem indiretamente à narrativa. Os conceitos ali tratados, ascensão, desejo, vontade, felicidade, teatro e sonhos, vêm a ser analisados em função de definições, teses, argumentos e teorias de modo quase independente seja do quadro mais geral das *Confissões*, seja de sua inserção numa “autobiografia”.

Além disso, o conceito mesmo de autobiografia não é examinado, embora mencionado amiúde sem discussão crítica; há, não obstante, abundante matéria de qualidade nos estudos agostinianos do século XX sobre o assunto, em geral discutindo, quando não negando, o caráter autobiográfico da obra. Na verdade, alguns artigos perdem de vista justamente o conjunto da obra. Eckenberg (*Practical Rationality and the Wills of Confessions* 8), por exemplo, ao tentar reconstruir uma teoria agostiniana da vontade, e assim questionar a consistência de definições e teses no livro VIII, parece procurar uma teoria acabada e exigir do autor uma hígidez que ele talvez não queira oferecer, propositada e programaticamente.

O artigo de Menn e a conclusão do artigo de Tornau mostram justamente um “gradual processo de aprendizado” (Tornau, pg. 213). Os argumentos e teses das *Confissões* não devem ser isolados em teorias singulares, encapsuladas neste ou naquele livro, coo se passíveis de análise fora da dinâmica argumentativa de seus treze livros. Uma revisão de conjunto da coletânea, à luz desses seus dois melhores trabalhos, poderia trazer mais coesão teórica às hesitações ou inconsistências encontradas.

Finalmente, a opção de selecionar itens filosóficos do “bazar” agostiniano incorre no risco de turvar a natureza filosófica das *Confissões* em seu conjunto. Aqui, não se trata somente de sublinhar a dinâmica geral da argumentação, mas sim de interrogar, ou ao menos divisar, o sentido filosófico unitário da obra. A expressão

“filosofia na autobiografia” parecer traduzir a estratégia de garimpar numa autobiografia passagens filosóficas, ou de interesse filosófico. Desse modo, a coletânea tende a afastar-se de seu melhor propósito, e descaracterizar a obra mesma como filosófica. A desejada valorização do filósofo Agostinho depende de divisarmos o sentido filosófico geral de sua obra mais célebre, para além das imagens parciais que a coletânea, com competência, consegue oferecer.

Os artigos estão assim distribuídos:

*Augustine’s Anti-Platonic Ascents.* Peter King

*Practical Rationality and the Wills of Confessions 8.* Tomas Ekenberg

*Happiness in Augustine’s Confessions.* Nicholas Wolterstorff

*The Desire for God and the Aporetic Method in Augustine’s Confessions.* Stephen Menn

*The Life of the Mind in Dramas and Dreams.* William E. Mann

*Thinking Eternally.* Paul Helm

*The Privacy of the Mind and the Fully Approvable Reading of Scripture: Augustine on Genesis 1:1.* Blake D. Dutton

*Intelligible Matter and the Genesis of Intellect: The Metamorphosis of a Plotinian Theme in Confessions 12-13.* Christian Tornau

Moacyr Novaes

*Universidade de São Paulo*